

Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização virtuais: identidades de Raça e Sexualidade em intersecção

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa que buscou discutir como as noções de raça e sexualidade se interseccionam nas relações de **bixas-pretas**, em espaços de socialização virtuais, a partir do grupo no Facebook **Afrodengo LBTT+**. Adotamos como problema de pesquisa a construção das noções de afetividade de **bixas-pretas** e o **preterimento** do afeto, da amizade e do desejo e como as noções de raça e sexualidade se interseccionam nas relações de **bixas-pretas** em espaços de socialização virtuais. Por meio da análise de fragmentos extraídos de postagens do **Afrodengo LBTT+**, problematizamos como **bixas-pretas** narram suas trajetórias. Foi possível constatar que, de um lado, a construção de uma identidade negra tem sido violentada pelo racismo e pela LBTTfobia, assim como a vida afetiva das **bixas-pretas** tem se configurado em um processo de **preterimento**. De outro, foi possível observar um processo de (re)existência e resignificação no interior desse grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Raça. Sexualidade. Bixas-pretas. Afetividade. Preterimento.

Fábio de Carvalho Cordeiro
E-mail:
fabio.ufpa2009@hotmail.com
Instituto Federal de Santa Catarina
Tubarão, Santa Catarina, Brasil.

Jamil Cabral Sierra
E-mail: jamilcasi@gmail.com
Universidade Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil.

Lucimar Rosa Dias
E-mail:
lucimardias1966@gmail.com
Universidade Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo se constitui a partir de dados produzidos por uma pesquisa anteriorⁱ, cujo foco foi o de analisar a construção da afetividade de **bixas-pretas**, bem como os processos de hipersexualização do corpo negro, a partir de um grupo no Facebook, chamado **Afrodengo LGBTT+**. Para esse trabalho, em particular, pinçamos, dessa pesquisa, parte do *corpus* produzido que se refere ao **preterimento** do afeto, da amizade e do desejo entre **bixas-pretas** para, a partir disso, pensar as identidades de raça e sexualidade e suas intersecções. Essas categorias apresentam-se e interpelam estes corpos de forma distinta e em momentos diferentes, ora homofobia e racismo operando ao mesmo tempo, ora cada um (homofobia e racismo) operando a seu tempo e a seu modo.

Desta maneira, o termo **bixa-preta**, neste trabalho, define-se como sendo uma das categorias de análise, categoria importante e representativa de uma nova forma de grupos negros discutirem suas identidades raciais e de sexualidade. Segundo Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 108), toda “[...] adjetivação atribuída ao termo *preta* aciona um lugar que questiona as normas, as regras, a higienização cis heteronormatizante. Por isso, surge como uma possibilidade concreta para se referir aos corpos gays afeminados, dos viados e das bichas.”

Concordando com que sugere Oliveira (2017), adotar determinados termos é pensar novas possibilidades de desestabilização do que foi reiteradamente considerado pejorativo. No caso deste trabalho, em grande parte inspirado em Oliveira (2017), que fez uma discussão sobre a noção de "bicha preta" em sua pesquisa de doutorado, optamos, ao contrário da autora, pelo termo **bixa-preta**, unido por hífen e grafado com a letra X, para justamente tensionar tanto a cisheteronormatividade quanto o racismo que vitima tais corpos. Desse modo, com essa grafia - **bixa-preta** -, queremos atualizar o argumento que já encontramos em Oliveira (2017), para destacar, de forma ainda mais contundente, que dentre muitas outras formas de existir, há esta que se particulariza em uma determinada existência da qual não é possível separar a identidade de gênero e sexualidade da identidade de raça, visto que, como a própria autora nos ensina “[...] ao contrário da bicha branca burguesa, a bicha preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a própria polícia.” (OLIVEIRA, 2017, p. 108).

Nesse sentido, sem desconsiderar a importância dos termos "negra" e "negro", sempre que nos referirmos ao grupo no qual esta pesquisa está implicada, utilizaremos o termo **bixa-preta**, para os fins da análise que pretendemos estabelecer, justamente para não tomar tal existência, a de **bixa-preta**, equivalente a outras, como "gay negro", por exemplo. Portanto, temos dois sujeitos distintos, o gay negro e a **bixa-preta**, que vivenciam suas expressões raciais, de gênero e sexualidade de forma diferenciadas. O gay negro se constitui a partir da perspectiva da masculinidade hegemônica, ajustada e normatizada, que se distingue da afeminação relativa às expressões de gênero da **bixa-preta**. Portanto, neste trabalho, estes dois sujeitos serão tomados como categorias identitárias distintas.

A segunda categoria central deste trabalho é o que nomeamos como **preterimento**, que advém do termo "preterido", expressão muito utilizada pelos gays negros e **bixas-pretas** do **Afrodengo LGBTT+**, para denunciarem o que estamos chamando de **preterimento** afetivo, uma palavra que carrega por si só uma conotação negativa relativa ao afeto. Assim, estamos falando de uma/um

preta/preto que não é "preferida/preferido" pela/pelo outra/outro. Aquela/aquele que não é "preferida/preferido", é "preterida/preterido". O branco é o "preferido". A **bixa-preta** é a "preterida". Quem prefere? Quem pretere? Mais que um jogo de palavras, esses termos carregam sentidos e escolhas, repulsa e desejo, inscrevendo os corpos na ordem cisheteronormativa e racista.

Pensar no racismo que o termo "preterido" enseja, nos faz associá-lo também com o que a autora Lélia Gonzalez denomina de "pretoguês". A autora declara:

[...] aquilo que chamo de 'pretoguês' e que nada mais é do que a marca de africanização no português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos africanos de 'pretos' e de 'crioulos', os nascidos no Brasil) [...]. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo) apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos diletos 'crioulos' do caribe. (GONZALEZ, 1988, p.70).

Assim, a partir tanto da noção de **bixa-preta**, como da noção de **preterimento**, é que esse trabalho se constitui. Cabe ressaltar que discutiremos práticas como construção do desejo e do afeto, sujeitos preteridos e preferidos inseridos na dinâmica da construção da afetividade de **bixas-pretas** que se interseccionam com uma lógica racista cisheteronormativa.

Nesse sentido, as questões que adotamos como problema de pesquisa deste trabalho são: a) como são construídas as noções de afetividade de **bixas-pretas** e o **preterimento** do afeto, da amizade e do desejo no **Afrodengo LGBT+?**; e b) como as noções de raça e sexualidade se interseccionamⁱⁱ nas relações de **bixas-pretas** nos espaços de socialização virtuais e aplicativos de relacionamento?

Portanto, este artigo se constitui a partir de dois campos teóricos: os estudos de raça e os estudos de gênero e sexualidade. Abordaremos, assim, o conceito de **bixa-preta** e como as categorias de diferença de raça e sexualidade atravessam estes sujeitos nas suas relações afetivas.

Dos estudos de raça, acionaremos discussões teóricas propostas por Jurandir Freire, bell hooks, Nilma Lino Gomes, dentre outras/outros, que auxiliam no entendimento de como o racismo atravessa a construção da afetividade de **bixas-pretas**. No que se refere ao campo teórico dos estudos de gênero e sexualidade, acionaremos discussões propostas por Judith Butler e Michel Foucault para debatermos como corpos afeminados são interpelados pela cisheteronormatividade. E, por fim, para debatermos a construção identitárias e o modo que as categorias de análise se interseccionam, acionaremos a discussão teórica propostas por Kathryn Woodward e Megg Rayara Gomes de Oliveira.

BIXA-PRETA E RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA

Autoras como Nilma Lino Gomes (2017), Edward Telles (2003) e Petrônio Domingues (2007) afirmam que a resignificação da negritude por parte do Movimento Negro tem contribuído para quebrar um ciclo de rejeição da

identidade negra. Essa resignificação funciona como uma resposta à política de branqueamento que operou de forma incisiva na história brasileira.

Sendo assim, mesmo com um poder devastador, a ideologia do branqueamento não conseguiu êxito total, graças ao ativismo negro que denuncia constantemente esta tentativa de genocídio cultural e racial, considerando que essas políticas almejavam uma limpeza racial no Brasil e, por isso, coube ao Movimento Negro produzir formas variadas de enfrentamento ao branqueamento, seja no passado, com os clubes culturais negros, ou na atualidade, com os inúmeros *blogs* e *vlogs* protagonizados por negras e negros que enfatizam uma identidade positiva.

A construção positiva da identidade da população negra tem sido sinônimo de resistência em nossa sociedade, pois como argumenta Gomes (2005), há historicamente uma disputa no processo de educação, pois se de um lado temos mecanismos institucionais que ensinam que para “ser aceito precisa-se negar a si mesmo”, de outro o Movimento Negro, que também educa, traz outras possibilidades, como a valorização da estética de pessoas negras, a valorização cultural afro-brasileira, valorização e fomentação do respeito às religiões de matriz africana, dentre outras.

Diante de todo um processo de tentativa de subalternização da identidade negra e também de resistência, consideramos importante debater a resignificação de determinados termos utilizados neste trabalho que envolvem tensionamentos teóricos e políticos acerca da identidade e, mais precisamente, da identidade negra, inclusive nos propomos a fazer uma breve discussão acerca da identidade, ou melhor dizendo, das identidades, sua constituição política, seus processos de resignificação e também de desestabilização.

Nesse sentido é que nos propomos a discutir sobre os processos inacabados de educação, inclusive no interior dos próprios movimentos sociais, e de como devemos nos atentar para determinadas reconfigurações acerca das questões sociais, raciais e políticas. Portanto, pensamos na necessidade de compreender a identidade a partir de suas diferentes dimensões e suas plurais formas de operar, conforme aponta Kathryn Woodward (2014).

Pensar neste processo de construção identitária, também nos leva a debater e refletir sobre questões que concernem sobre a relação entre identidade e diversidade e de como isso pode vir afetar as construções identitárias negras, visto que, conforme Jamil Cabral Sierra, as reconfigurações neoliberais colocam tais construções identitárias diante de um processo de limitação e conformação. (SIERRA, 2019).

Esta conexão existente entre identidade e diversidade pode também ser exemplificada e entendida a partir de alguns aspectos observados nas políticas de diversidade sexual no Brasil, como a relação entre Estado e os movimentos sociais, as ações do Estado com a criação e efetivação de políticas públicas direcionadas para determinados grupos sociais e, em decorrência disto, somado à aproximação Estado/movimentos sociais, o advento de uma lógica essencializadora e excludente de determinados corpos que se confrontam com estratégias de captura existentes na emergência da noção de diversidade. (SIERRA, 2019).

Desse modo, nossa aposta é, portanto, pensar **bixas-pretas** como um grupo social e político contemporâneo que problematiza os limites da identidade, seja da

identidade de raça, seja da identidade de gênero/sexualidade, como forma de pensar de que forma determinados aspectos da diferença e da identidade têm atravessado e interpelado corpos pretos afeminados, como os das **bixas-pretas**.

Vejamos, se afirmar determinada identidade pode “omitir diferenças de classe e diferenças de gênero” (WOODWARD, 2014, p. 14), por exemplo, conseguimos perceber que há limites na construção da identidade de raça, visto que a busca pela afirmação de uma identidade racial não contempla a demanda dos processos de subalternização e marginalização de **bixas-pretas**, justamente por não acionar ou não se conectar com aspectos de gênero e sexualidade, considerando que essa pauta de construção da identidade das **bixas-pretas** apresenta determinadas peculiaridades.

Partindo da concepção sustentada por Woodward (2014) e Tomaz Tadeu da Silva (2014), de que a identidade é atravessada por várias diferenças, assim como entendemos que o mecanismo de afirmação identitária, ao operar, sempre se movimenta incluindo e excluindo ao mesmo tempo, consideramos que esse grupo social tensiona tanto com os limites das identidades sexuais, como da identidade racial, assumindo um forte caráter questionador, pelo fato de se encontrar marginalizado tanto no âmbito do Movimento Social LGBT, quanto no âmbito do Movimento Negro.

Diante destes embricamentos que atravessam a identidade e da necessidade existente de se problematizar o essencialismo identitário, é que destacamos a importância de operar com termo **bixa-preta**, justamente por acionar e reivindicar um lugar social e político relativo à sexualidade e também à raça de forma interseccional, visto que a construção dessas novas identidades precisam ser entendidas e direcionadas para uma noção “vista como *contingente*; isto é, como produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares.” (WOODWARD, 2014, p. 38). Assim, diante dessa intersecção, há uma desestabilização identitária, colocando “[...] problemas para os movimentos sociais em termos de projetos políticos.” (WOODWARD, 2014, p. 38).

É, portanto, a identidade sendo desestabilizada a partir do contexto de uma intersecção da sexualidade com a raça:

Alguns elementos dos ‘novos movimentos sociais’ questionam algumas das tendências à fixação das identidades da ‘raça’, da classe, do gênero e da sexualidade, subvertendo certezas biológicas, enquanto outras afirmam a primazia de certas características consideradas essenciais. (WOODWARD, 2014, p. 39).

A partir desse movimento de entender as múltiplas dimensões da identidade, também é necessário compreender que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. (WOODWARD, 2014, p. 32).

Colocar as **bixas-pretas** na centralidade deste debate requer saber que “[...] outros conflitos surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais.” (WOODWARD, 2014, p. 33). Desse modo, cabe debater sobre quais normas sociais as **bixas-pretas** questionariam, visto que são corpos atravessados pelas diferenças de raça, gênero e sexualidade. A esse respeito, Audre Lorde relata:

[...] Como negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças – incluindo um menino – e membro de um casal inter-racial, com frequência me vejo parte de algum grupo no qual a maioria me define como devassa, difícil, inferior ou apenas “errada”. (LORDE, 2015).

Portanto, poderia uma **bixa-preta** ser pai? Ou mãe? Aliás, que lugares sociais poderia uma **bixa-preta** ocupar? Lorde (2015) alerta sobre como determinadas escolhas – de ser mãe, por exemplo – podem ser interpeladas pela heteronormatividade. Portanto, estaria a identidade, ou melhor, **as identidades**, sendo constantemente construídas e negociadas?

Cabe dizer, no entanto, que não desconsideramos a importância de uma afirmação da identidade racial, muito pelo contrário. Conforme alerta Djamila Ribeiro (2017), é muito comum, determinados grupos, como o do ativismo negro e LGBT, serem acusados de grupos identitários. Nesse sentido, inspirada no que defende a filósofa panamenha Linda Alcoff, acerca desta política, Ribeiro destaca que:

[...] para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades tem sido historicamente silenciada e desautorizada no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. Seguindo nesse pensamento, um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato, de que experiência em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p. 28).

Desse modo, buscamos problematizar como o projeto colonizador eurocêntrico consegue operar de forma a tentar silenciar grupos historicamente marginalizados, porque ao mesmo tempo que cria a diferença, o **outro** - neste caso, a pessoa negra ou uma determinada identidade sexual - a subalterniza, ao perceber qualquer movimentação desta para sair desse lugar de subalternidade. A partir de projetos políticos educativos de resignificação, a colonialidade cria novas maneiras de tentar silenciá-las.

O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (RIBEIRO, 2017, p. 31).

Faz-se necessária, portanto, uma delicada análise dos tensionamentos dessas questões, a fim de operarmos nessa dupla dimensão, isto é, por um lado não nos colocarmos contra a pauta identitária dos movimentos sociais e, por outro, não deixar de apontar os limites generalizantes e excludentes de toda identidade (racial, de gênero, de sexualidade etc.). Mesmo que reconheçamos os efeitos que os apelos à noção de diversidade e identidade provocaram/provocam no combate à discriminação de determinados grupos sociais, bem como os avanços que possibilitaram no campo do direito e da educação e na efetivação de políticas públicas, nos propomos a fazer, também, um exercício de apontar limitações produzidas por essa estratégia, já que:

[...] esses reclames de respeito, tolerância, cultura de paz e inclusão pouco espaço deixam, especialmente aos olhares mais ingênuos, para uma problematização de suas estratégias de captura e controle, bem como de sua interface mais cruel: seduzidos pelas garantias oferecidas em termos de direitos e inclusão na esfera social e educacional, por exemplo, esses olhares menos sutis deixam escapar as violentas estratégias de homogeneização cultural e viabilização moral e econômica [...]. Cruel porque é um jogo que cria um paradoxo do qual é difícil escapar, isto é, ao mesmo tempo em que esses reclames de respeito, tolerância, cultura de paz e inclusão dão certa segurança e inserem uma população historicamente violentada pelo preconceito e pela negação de direito no mundo do trabalho e do consumo, nas redes sociais e na escola, eles também operam estratégias de exclusão de outras formas de vida que, em função de seus corpos, práticas e prazeres abjetais e ininteligíveis, ficarão impossibilitados de acessar esses mesmos direitos. (SIERRA, 2019, p. 10).

É preciso entender, nesse sentido, que a identidade, conforme aponta Stuart Hall:

[...] **não é, portanto, um conceito essencialista**, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, essa concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança por todas as vicissitudes da história. (HALL, 2000, p. 108, grifo nosso).

Assim, é importante perceber que estamos diante de dois direcionamentos. Um primeiro indica a importância da identidade negra como forma de luta política e acesso a direitos, como mecanismo de disputa no interior do processo estrutural racista que privilegia o grupo racial branco e que, conforme Hall (2003), ainda opera de forma essencialista, interpelando pessoas a partir de seus traços fenotípicos. Um segundo direcionamento indica a importância de considerar elementos que se interseccionam com raça, como a sexualidade, justamente para nos mostrar os limites de toda conformação identitária. Suspeitar, dessa forma, que a própria ideia de uma identidade racial pode sofrer fissuras, se considerarmos outras existências que escapam do elemento cor/raça por exemplo, pois a unidimensionalidade de algumas identidades é acionada em determinados contextos e justificam a impossibilidade de estabilidade identitária cunhada somente na raça, como é o caso dos marcadores sociais que atravessam a existência das **bixas-pretas**.

Seguramente, um homem negro cisheterossexual, ao ser vítima de racismo, sofre um tipo de opressão que difere completamente da violência sofrida por uma **bixa-preta**, pois estamos falando de contextos socioculturais, sujeitos e vivências distintas, nas quais a indissociabilidade raça/sexualidade opera de modo interseccional na produção desta violência.

Esses direcionamentos necessitam de posicionamentos estratégicos, pois “O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” (SILVA, 2014, p. 84). No entanto, a intersecção mostra não só a necessidade de articular lutas, mas também a necessidade de resignificar conceitos e experiências. Como sugere John Scott, cabe questionar: [...] como os processos de diferenciação social operam e desenvolvem análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais? (SCOTT, 2005, p. 13).

A existência da **bixa-preta** dialoga com a raça, mas não só. Traz para o interior do movimento negro contemporâneo uma nova dimensão identitária na qual a raça está colocada e definitivamente articulada com a sexualidade. **Bixas-pretas**, à semelhança do que outrora fizeram as feministas negras, declara uma existência particular. Ainda que esta não esteja devidamente reconhecida no âmbito das discussões sobre o racismo à brasileira.

Nos arriscamos a dizer que, mais que uma nova identidade, ou antes de se constituir como uma nova identidade, a **bixa-preta** pode ser pensada como um corpo e uma prática desestabilizadora e questionadora das normas de gênero e raça, pois são corpos e práticas que emergem politicamente, existem e (re)existem. Deste modo, pensamos que, de acordo com Silva (2014), sujeitos que cruzam fronteiras, apresentam intersecções de identidade, constituem poderosas estratégias políticas questionadoras de existência.

PRETERIMENTO DO AFETO, DA AMIZADE E DO DESEJO ENTRE BIXAS-PRETAS

O que é esta coisa chamada afeto? Talvez precisemos de uma dose bem servida, semelhante a uma boa dose de café. Servidas e servidos então estaremos de uma dose de "(c)afeto". Mas, considerando que as noções do afeto estão de alguma forma atreladas a outros discursos e que podem estar sendo construídos a partir das noções de gênero, sexualidade e raça, este sentimento talvez esteja sendo diluído pela perspectiva do corpo e do desejo. Deste modo, quem estaria por necessitar de doses de afeto? A **bixa-preta** que experiência a materialização de um corpo abjeto e vivencia o **preterimento** do corpo-gênero-desejo ou o gay normativo que, ao acessar os aplicativos virtuais de encontros amorosos-sexuais, tem inúmeras mensagens com convites para o cinema, barzinho ou a famigerada pegação?ⁱⁱⁱ E entre afeto, sexo casual e o **preterimento**, cabe questionar:

– Quantas vezes vocês já foram rejeitados por outras bichas e gays pretos esse ano? (Fragmento^{iv} 1. AFRODENGU LGBTT+. Mar. 2018).

O questionamento acima advém da produção empírica desta pesquisa e aponta como o racismo e a cisheteronormatividade corroboram com o **preterimento** afetivo de **bixas-pretas**. Serão 109 reações, 45 na postagem e 123

comentários. Desabafos, emoções e sentimentos expressos em parágrafos comentados. Esse debate virtual será alimentado com relatos do sentimento de rejeição. Rejeição do corpo preto, marginalizado, abjeto. Rejeição que, no contexto dos fragmentos que fazem parte do *corpus* dessa pesquisa aparecem, muitas vezes, como "**preterimento**". Corpo preto. Corpo preterido. Esse processo de "**preterimento**" faz parte da existência das **bixas-pretas** que relatam:

– Rejeição é a palavra certa, todo mundo tem uma história pra contar sobre esse mesmo problema, mas pararam pra pensar o quanto romantizamos as relações? Será que nós mesmo não fazemos aquilo que criticamos? Quantos pretos já chegaram em vocês e vocês ignoraram por ser "feio", gordo, afeminado ou simplesmente por não ser o ideal de beleza que vocês esperavam? Fica essa reflexão. Será que nós mesmo não estamos nos auto sabotando e problematizando algo que tem uma solução com uma simples mudança de atitude?

– A rejeição é algo que tenho aprendido a lidar todos os dias. Seja de um negro, seja de uma classe social, seja de rótulos. Enfim, a rejeição tem feito parte dos meus dias. E o mais triste é a auto rejeição. (Fragmento 2. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).

No entanto, outras questões permeiam esse debate. Uma reflexão que precisa ser feita é justamente pensar como esses processos – racismo e homofobia – se interseccionam, fazendo funcionar uma lógica de "**preterimento**" - ou de rejeição e exclusão - de **bixas-pretas** que, em ambos espaços, encontraram processos de negação de afeto.

Nesse sentido, é possível questionar o seguinte comentário:

– Não vejo esse **preterimento** entre pretos gays que vocês falam. Nunca fui rejeitado por pretos gays. Isso não significa que minhas relações homoafetivas foram perfeitas. Mas chego nos rolês e vejo os pretos gays se amando ou simplesmente se pegando sim. Talvez seja por causa dos espaços de militância preta que frequento. Enfim, se cada preto que disse ser preterido der match em outro preto que também disse ser preterido, reduz o **preterimento**. (Fragmento 3. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018, grifo nosso).

Essa posição atribui às pessoas uma agência para mudar o percebido. Chama a responsabilidade de quem identifica o problema produzir a mudança, sem esperar a solução vinda de outro lugar, senão de quem vive o **preterimento** e indica a vínculo com o ativismo social como um lugar de mudança efetiva.

Uma participante do debate problematiza a questão, caso ela não seja percebida em uma perspectiva interseccional, podendo levar a não percepção dos modos como operam os duplos pertencimentos

– Pois bem, dentro da expectativa de ter um relacionamento afrocentrado, também existem imperfeições, principalmente quando estamos falando com o negro normativo que não passa o **mesmo tipo de preterimento** sofrido por um gay fora dessa caixa do preto gostosão. Já fui preterido exatamente por não me encaixar nesse perfil de preto sarado e normativo. O que me entristece é o fato de vários negros reforçarem sua militância dentro de nossos espaços e nas redes sociais, só que na rua só se beijam e se relacionam com padrões normativos, para ficarem mais bonitinhos nas fotos do Instagram. (Fragmento 4. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018, grifo nosso).

O debate é longo, os comentários vão emergindo e muitos relatos são semelhantes, mas também observamos uma certa contestação:

– Sempre acho curioso esse tipo de debate e fico pensando se esses pretos todos que dizem ser **preteridos** por outros pretos. Se arrumasse todo mundo

cada um sairia com um par. No fundo me pergunto o que fazem num grupo cujo foco é reaproximar relações entre pessoas pretas se já desistiram disso. (Fragmento 5. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018, grifo nosso).

Neste sentido, uma participante pondera:

– Agora vamos ser sinceros e admitir que os negros sarados e másculos são os mais desejados e **preferir os pretos afeminados**, gordos e fora do padrão. É preciso entender que no meio negro há pessoas com privilégios, não tem como achar que um negro sarado sofre igual a um gordo afeminado. (Fragmento 6. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018, grifo nosso).

Percebemos, neste debate, que houve uma polaridade entre aquelas que relatavam uma frequente rejeição, principalmente bichas e gays gordas e afeminadas. E os poucos comentários que contestaram a existência do **preterimento**, estas correspondiam ao padrão de gay másculo e sarado e, por isso, possivelmente não conseguem reconhecer esse privilégio dentro deste grupo, como apontou um no comentário abaixo:

– Como as opressões são curiosas né? Pense no negro afeminado, gordo e classe média, depois pense no negro sarado, pobre e periférico. Dá pra pensar em quem sofre mais? É honesta essa avaliação. Reparem como a gente deixou de lutar por nós pra guerreamos entre si. (Fragmento 7. AFRODENGO LGBTT+, Mar. 2018).

Pensamos que quando as **bixas-pretas do Afrodengo LGBTT+** propõem o debate sobre a rejeição e solidão, em nenhum momento se intenciona uma suposta análise de quem sofre mais, muito pelo contrário, se faz pela necessidade de compartilhar com outras pessoas que existe uma outra forma de marginalização, que estão interpelando esta vivência. Além do mais, de acordo com Fúlvia Rosemberg e Leandro Feitosa Andrade (2018), a intersecção das relações de raça, gênero, sexualidade, classe, dentre outras categorias da diferença, não operam necessariamente de forma simultânea, podendo haver nessa dinâmica uma série de interrupções e alterações. Portanto, mesmo dentro de um grupo de LGBT pretas e pretos, há de se reconhecer que alguns sujeitos ocuparão condições mais próximas de determinadas normas.

O debate sobre afetividade no **Afrodengo LGBTT+** foi constantemente permeado pela ótica do desejo, em uma interrogação de quem deseja quem? E mais, quem tem o privilégio de ser desejado? Um desejo construído para quem se ajusta a determinadas normas do gênero, do corpo e do sexo. Portanto, o desejo tem construído uma política do afeto e do amor, sendo apenas alguns corpos e sujeitos elegíveis para acessar esta política.

Pensamos que o que Judith Butler (2003; 2000) chama de imitação e subordinação de gênero reproduzidas e produtoras de rígidas identidades sexuais também estariam atreladas ao desejo, pois:

[...] a partir de apropriação constrangida da lei regulatória, pela materialização daquela lei, pela apropriação e identificação compulsória com aquelas demandas normativas. A formação, a manufatura, o suporte, a circulação, a significação daquele corpo sexuado – tudo isso não será um conjunto de ações executadas em obediência à lei; pelo contrário, será um conjunto de ações mobilizadas pela lei, será acumulação citacional e a dissimulação da lei produzindo efeitos materiais, será a necessidade vivida daqueles efeitos e a contestação vivida daquela necessidade. (BUTLER, 2000, p. 162).

Deste modo, determinados sujeitos LGBT estariam performando a partir da matriz heterossexual para alcançar uma inteligibilidade afetiva. Por isso, talvez, seria mais fácil de entender que um gay preto sarado estaria mais propenso a fazer parte da vitrine desta política. Nesse sentido, Jeffrey Weeks (2000) nos alerta para o fato de que a pessoa com quem fazemos sexo importa. Mas importa justamente no sentido de pensar seu gênero e sua sexualidade. Como argumenta o autor:

O gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou mulher) e a sexualidade (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inextricavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado, parece algumas vezes, a suprema transgressão. (WEEKS, 2000, p. 45).

Neste sentido, as **bixas-pretas** no eixo corpo-sexo-desejo estariam diante de uma afetividade preterida, pois se confrontam com essa “[...] confusão entre gênero e sexualidade [que] parece ser mais notada quando, por qualquer razão, certos corpos não podem ser facilmente ‘lidos’ e fixados como mais uma confirmação dos discursos da universalidade e da natureza”. (BRITZMAN, 1996, p. 96).

No entanto, pensar a **bixa-preta** como corpo que escapa aos discursos que operam para normalizar, ela, a **bixa-preta**, além do marcador de gênero e sexualidade, também se confronta com o marcador de raça. Neste sentido, Ari Lima e Felipe de Almeida Cerqueira (2012) apontam que o homem negro gay ocupa de forma distinta dois mundos, o da sexualidade e o da raça. E, relativo à sexualidade, o homossexual preto também será negado no mundo gay, bares, boates, mídia LGBT. Neste sentido, ainda dizem os autores:

[...] sua perspectiva de poder e, o que é muito importante, padrões de consumo, sempre têm como referência o homossexual branco. Ou seja, ocorre uma afirmação da identidade homossexual que passa necessariamente pelas perspectivas definidas por um mercado de consumo voltado, para o público homossexual urbano, branco, jovem, e integrado às relações de produção e trabalho estabelecidas pelo mundo branco, heterossexual, hegemônico. (LIMA; CERQUEIRA, 2012, p. 8).

Assim, além da dimensão da raça e da sexualidade confrontadas pelo homem gay negro, a **bixa-preta** trai a normalidade do gênero, com sua "fechação" e "tombamento"^v, provocado pela sua afeminação perturbadora do gênero.

A transgressão de fronteiras generificadas resultará provavelmente no questionamento social da identidade do/a transgressor/a, bem como na penalizante insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas, como desvinculadas do processo de construção social. (BRITZMAN, 1996, p. 77).

E a forma de masculinidade é atendida pelo homem gay negro, lhe proporcionando uma determinada expectativa afetivo-sexual-amorosa, advinda de um intercâmbio normalizador, que poderia ser talvez melhor chamado de “o

peso de ter que agir como heterossexual.” (BRITZMAN, 1996, p. 78). Afinal, está em jogo a escassez ou a oferta de uma política do afeto.

Diante do imbricamento entre afeto e práticas sexuais, que observamos no **Afrodengo LBTT+**, é possível pensar como a noção de amizade, inscrita em uma parte do pensamento foucaultiano, pode contribuir para esta reflexão. Conforme o autor, a amizade seria um intenso artefato para pensar uma estética da existência e uma potente política do afeto, pois, de acordo com Jurandir Freire “[...] a amizade não é um artifício compensatório, um ornamento afetivo ao qual reservamos um lugar espremido e residual entre as obsessões amoroso-sexuais e os deveres cívicos”. (FREIRE, 1999, p. 11). A preocupação de Foucault, portanto:

[...] é com a ética, com o que rompe as fronteiras das morais vigentes e leva o sujeito a se transformar, estilizando sua existência na presença do outro. A amizade seria o quadro relacional dessa constante recriação de si. Donde as sucessivas tentativas de defini-la de forma a se contrapor aos sentidos literalizados com os quais nos familiarizamos. Assim, amizade é descrita como uma ‘forma de subjetivação coletiva’ e uma ‘forma de vida’ que permite a ‘criação de espaços intermediários capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos’. (FREIRE, 1999, p. 12).

Segundo Freire, “Foucault quer recuperar o poder subversivo da amizade, apenas dessa forma, pensa ele, conseguiremos descolar o sujeito de suas identidades congeladas nas categorias do público e do privado” (1999, p. 12). De fato, é inegável que neste aspecto da vida, a identidade passa pela urgência de ser repensada, pois é a partir de uma identidade de gênero e de raça que a **bixa-preta** será atravessada. O que pode levar a uma incansável busca por determinada identidade. Por ser negra, a pessoa será interpelada pelo racismo, conforme duas participantes do **Afrodengo LBTT+** desabafam:

– A culpa não é de outros pretos, a culpa é do racismo que destrói nossa identidade a qual vivemos a negar. Se somos rejeitados é porque existe uma estrutura que nega nossa. (Fragmento 8. AFRODENGO LBTT+, Mar. 2018).

– O fator que mais impede é essa falta de sensibilidade entre os pretos. Crescemos sem nem querer olhar um para o outro. Depois começamos a malhar e só assim se sentir desejado e querer bancar o papel do branco de preterir e ter olhos só para caras brancos. (Fragmento 9. AFRODENGO LBTT+, Mar. 2018).

Diante desses depoimentos, é possível notar como o racismo acaba operando em possíveis movimentações para a construção do afeto e do amor, visto que:

[...] as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem o crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amor”. (HOOKS, 2000).

Por ser gay ou bicha, este sujeito deveria se assujeitar a determinada masculinidade, que inclusive designa a posição sexual de "ativa" ou "passiva" nas práticas sexuais. Mas Foucault (2010, p. 350) alerta:

O que devemos trabalhar, parece-me, não é tanto para liberar nossos desejos, mas para tornarmo-nos infinitamente mais suscetíveis ao

prazer. É preciso escapar das duas fórmulas feitas: a do puro encontro sexual e da fusão amorosa das identidades.

Nesse sentido, o autor sugere a grande oportunidade do sujeito homossexual, de uma subversão do dispositivo da sexualidade. Foucault diz:

Penso que é isto que torna ‘perturbadora’ a homossexualidade: o modo de vida homossexual, mais do que o próprio ato sexual. Imaginar um ato sexual que não se conforma à lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que os indivíduos comecem a se amar, eis o problema. A instituição é tomada no contrapé; as intensidades afetivas atravessam-na, ao mesmo tempo que a fazem suportar e perturbam-na: veja no exército, o amor entre homens, é sem cessar, convocado e aviltado. Os códigos institucionais não podem validar essas relações nas múltiplas intensidades, nas cores variáveis, nos movimentos imperceptíveis, nas formas que mudam. Essas relações que fazem curto-circuito e que introduzem o amor, onde deveria haver a lei, a regra, o hábito. (FOUCAULT, 2010, p. 349-350).

Quando Foucault faz essa aposta na condição de vida homossexual é na noção de amizade que ele encontra essa possibilidade de uma nova ética da existência. Conforme argumenta Francisco Ortega (1999, P. 26):

A amizade é um conceito-chave na obra foucaultiana, sendo, também um elemento de ligação entre a elaboração individual e a subjetivação coletiva. Ela é, para o pensador francês, um convite, um apelo a experimentação de novos estilos de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade, as quais como observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas. Isto, como vou mostrar, tem uma enorme importância política, pois oferece uma alternativa a analítica do poder foucaultiana. Se ele considerou uma analítica política, ela se encontra nessa direção. Pensar hoje em dia em conceitos como ascese ou amizade constitui um dos desafios legados por Michel Foucault.

Para Ortega (1999), este empenho de Foucault sobre a noção de amizade para compreender as dimensões do afeto também nos auxilia a entender as dificuldades que os homens têm com este sentimento, se comparados às mulheres, já que “incapazes que são de ir além de uma ‘palmada no ombro’, o que representa, no fundo, um atrofiamento histórico”. (ORTEGA, 1999, p. 27). No entanto, esse atrofiamento que por esta ótica proposta por Foucault estaria ligada a uma condição de sexo e gênero, quando pensamos sobre a condição das **bixas-pretas** nas dimensões do afeto, também precisa ser analisada a partir de uma perspectiva interseccionada com a raça, pelo que denuncia hooks:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (HOOKS, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao interseccionar as categorias da diferença de raça, sexualidade e gênero, para pensar a dimensão dessa construção do afeto e da amizade na vida de **bixas-pretas**, pensamos o quanto é difícil acessar qualquer um destes sentimentos - principalmente quando questionamos que isso poderia ter sido construído através da família, da escola - ou das (im)possibilidades de parceiras afetivas-sexuais-amorosas ao longo da vida. Além do mais, até pensando na mídia como dispositivo pedagógico, estas noções sempre foram negadas.

Portanto, quando a **bixa** torna-se racialmente **preta** ela confrontará o racismo, e parte do afeto e carinho que ela poderia receber em sua vida é negado, no entanto, mesmo diante desse processo doloso, ela ressignifica encontrando outras **bixas-pretas** no quilombo virtual^{vi} para dividir dores, e para também, ressignificar essas experiências através do amor. Afinal, outras **bixas-pretas** (re)existem, também estão em processo de ressignificação e valorização de suas identidades, confrontam a cisheterossexualidade e o **Afrodengo LGBTQ+** tem sido uma demonstração disto.

Refusal of affection, friendship and desire between “bixas-pretas” in virtual social spaces: race and sexual identity intersected

ABSTRACT

This article is the result of a research that seek, to discuss how the notions of race and sexuality are intersected in the relationships between “bixas-pretas”, in spaces of virtual socialization, from a Facebook group Afrodengo LBTT+. We adopt as the research problem of this work the construction of notions of affectivity of “bixas-pretas” and the refusal of affection, friendship and desire and how do the notions of race and sexuality are intersected in the relations of “bixas-pretas” in spaces of virtual. Through the analysis of fragments extracted of Afrodengo LBTT+, it is problematized how “bixas-pretas” narrate their trajectories. It was possible to verify that the construction of a black identity and its valorization were violated for racism and for LGBTphobia, as well as the affective life of the “bixas-pretas” that are defined in a process of refusal. In addition, it was possible to observe that there is a process of (re)existence and reframing in this group.

KEYWORDS: Race. Sexuality. “Bixas-pretas”. Affectivity. Refusal.

Desmerecimiento del afecto, de la amistad y del deseo entre locas-negras en espacios sociales virtuales: Identidad de Raza y Sexualidad en intersección.

RESUMEN

Este artículo derivase de una investigación que buscó discutir como las nociones de raza y sexualidad se cruzan en las relaciones de las locas-negras, en espacios de socialización virtual, a partir del grupo en el Facebook Afrodengo LBTT+. Elegimos como cuestión para investigar a la construcción de las nociones de afectividad de locas-negras y el desmerecimiento del afecto, de la amistad y del deseo y como las nociones de raza y sexualidad se encuentran en las relaciones de locas-negras en espacios de socialización virtual. Por el medio de la análisis de fragmentos extraídos de publicaciones del Afrodengo LBTT+, debatimos como locas-negras cuentan sus trayectorias. Fue posible descubrir que de un lado, la construcción de una identidad negra ha sido violentada por el racismo y por la LGBTfobia, tal como la vida afectiva de las locas-negras han se formado en un proceso de desmerecimiento. Por otra parte, fue posible darse cuenta de un proceso de (re)existencia y resignificación en el interno de este grupo.

PALABRAS CLAVE: Raza. Sexualidad. Locas-negras. Afectividad. Desmerecimiento.

NOTAS

¹ Este texto apresenta parte de resultados revistos e ampliados da dissertação de mestrado intitulada “A **bixa-preta** na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo”, defendida em março de 2019, no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE, da UFPR, por Fábio Carvalho Cordeiro, orientada pelo Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra e coorientada pela Prof.^a Dr.^a Lucimar Rosa Dias.

²A noção de interseccionalidade que perpassa esse trabalho tem a ver com os trabalhos de Carla Akotirene (2017), Fernando Pocahy (2011), Kimberlé Crenshaw (2002) e de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) que definem o conceito de interseccionalidade como sendo uma sensibilidade analítica, uma prática-conceito, uma ferramenta teórica que busca capturar e analisar fenômenos e dinâmicas de interação de discriminação, como o machismo, o racismo, a lgbtfobia, dentre outros, a partir de categorias de análise como raça, gênero, classe, sexualidade, entre outras. Neste sentido, esta ferramenta analítica possibilita analisar sistemas de desigualdade e de violência que interpelam corpos e subjetividades envolvendo mais de um mecanismo de opressão.

³Termo utilizado por parte da comunidade LGBT, para referir-se a sexo casual, principalmente em locais públicos com pouca movimentação. Também pode ser entendido como a prática sexual sem beijos, carícias e que muitas vezes dispensam a penetração, voltando para o ato de se “pegarem” e masturbarem-se até a ejaculação (a aliviada breve e prática).

⁴A produção do material empírico desta pesquisa emerge do grupo de Facebook **Afrodengo LBTT+**. O grupo foi criado em 2017, com a proposta de ser um espaço virtual de relacionamento afetivo de pessoas LGBT negras de todo o país. Além disso, o espaço é utilizado para debates, enquetes e denúncias relativos à vivência de pessoas LGBT negras. Neste sentido, dentre as postagens, há aquelas que tratam de experiências de **bixas-pretas** nos aplicativos de relacionamento LGBT, em um tom de denúncia e desabafo, relativo ao racismo, hipersexualização e objetificação de seus corpos nesses ambientes virtuais, enquetes que rendem debates acerca das vivências afetivo-sexual-amorosas dos membros do grupo. A partir de um longo processo de depuração, utilizando descritores linguísticos para filtrar as mensagens e os comentários no grupo, foram feitos *prints* das postagens que interessavam ao tema da investigação, originando, assim, os excertos que constituíram o material empírico da pesquisa.

⁵Fechação e tombamento são dois termos comumente utilizados pela comunidade LGBT para designar comportamentos e atitudes de bichas afeminadas. Na voz da cantora Linn da Quebrada: “Elas tomba, fecha, causa. Elas é muito lacação” (sic).

⁶Espaço de resistência e instância propositiva de combate ao racismo e lgbtfobia e dispositivo pedagógico de onde emerge novas formas de resistir e ressignificar processos às vezes tão caros para **bixas-pretas**, conforme Fábio de Carvalho Cordeiro (2019).

REFERÊNCIAS

- AFRONDENGO LBTT+. 2019. Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/afrodengolgbtt/?ref=share>. Acesso em: Mar. 2019.
- AKOTORINE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: Louro, Guacira Lopes (Org.) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor - Identidade homossexual, educação e currículo**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva. Educação e Realidade, 1996. *Whats is this called love – Homosexual Identity, education and curriculum*.
- CORDEIRO, Fábio de Carvalho. **A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, 2002.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. In: **Ditos & Escritos**. Vol. VI. Repensar a Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FREIRE, Jurandir. **Amizade e estética da existência em Foucault**. ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Prefácio. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: SECAD/MEC (Org.). **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003**. Brasília-DF: MEC/BID/UNESCO, 2005, v. 1, p. 167-184.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria política cultural de amefricanidade**. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade: In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. Tradução de: MEDONÇA, Maísa. 2000. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 23 out. 2018.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Filipe de Almeida. **Identidade homossexual e negra em Alagoinhas**. Bagoas, v. 1, n. 1, p. 269-286, jul./dez. 2012.

LORDE, Audre Geraldine. **Não há hierarquias de opressão, 2015**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1999.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Revista Texturas**, n. 23, p. 18-31, jan/jun. 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Grupo Editorial Letramento, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia; ANDRADE, Leandro Feitosa. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. **Cadernos pagu**, v. 31, p. 419-437, jul./dez. 2008.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**. v. 13, n. 3, p.11-30, set./dez. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIERRA, Jamil Cabral. **Identidade e diversidade no contexto brasileiro: uma análise da parceria entre Estado e movimentos sociais LGBT de 2002 a 2015**. Anos 90, Porto Alegre, v. 26, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Ford, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado**. Belo Horizonte, 2000, p. 35-82.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido: 30/04/2020.

Aprovado: 04/06/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12147.

Como citar: CORDEIRO, Fábio de Carvalho; SIERRA, Jamil Cabral; DIAS, Lucimar Rosa. Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 119-137, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Fábio de Carvalho Cordeiro

Rua Servidão Unidos, 343, Tapera, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

